



TEMPOS DE MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL E RELAÇÕES HUMANAS: rupturas e barbárie configurando a vida e as relações líquidas

Anabella Pavão da Silva¹
Neide Aparecida Pavão da Silva²

RESUMO: A partir de uma perspectiva crítico-dialética, este texto faz um trajeto sobre os fenômenos globais que violam os direitos humanos, provocando reflexões acerca dos rebatimentos destes fenômenos nas relações humanas e sociais. Reportamo-nos ao pensador polonês Zygmunt Bauman (1925 – 2017) para nos auxiliar na construção do pensamento e do conhecimento sobre os tempos líquidos e os impactos nos relacionamentos entre as pessoas na atual sociedade global em tempo real ou conectados via redes sociais. Conclui-se, *a priori*, a acentuação da individualidade, das rupturas de relações e da resistência em instituir novas relações. O medo do sofrimento, da dor e das frustrações tem proporcionado um olhar mais egoísta para nós mesmos, que uma humanização e sensibilização em face dos nossos próximos.

Palavras-chave: Mundialização do Capital; Relações Humanas; (Des)ordem Mundial; Tempos Líquidos.

ABSTRACT: From a critical-dialectical perspective, this text makes a trajectory on the global phenomena that violate human rights, provoking reflections on the refutations of these phenomena in human and social relations. We report to the Polish thinker Zygmunt Bauman (1925-2017) to assist us in building thought and knowledge about net times and the impacts on relationships between people in today's global society in real time or connected via social networks. *A priori*, the accentuation of individuality, of ruptures of relationships and of resistance in establishing new relations is concluded. Fear of suffering, pain and frustration has provided a more selfish look to ourselves, than a humanization and awareness in the face of our neighbors.

Key-words: Globalization of Capital; Human relations; (Un) world order; Liquid Times.

¹ Nome social de Thiago Rodrigo da Silva. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, UNESP, campus de Franca. Professora bolsista dos cursos de Serviço Social e Relações Internacionais da UNESP/Franca. Bolsista CAPES. Pesquisadora do GEPPIA (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Políticas Públicas para a Infância e Adolescência) – UNESP/Franca e do PICO (Pesquisa Interdisciplinar de Combate às Opressões) da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Contato: anabellapavao@gmail.com

² Livre docente. Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professora Titular da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, UNESP, campus de Franca. Contato: nlehfeld@unaerp.br

INTRODUÇÃO

O tempo presente é constituído por uma trama social na qual a filosofia de vida se resume no “cada um por si” e nem sempre Deus para todos. Vivemos em tempos líquidos, onde a insegurança domina a vida em sociedade e afasta cada vez mais as pessoas umas das outras. A empatia pelo próximo está enxuta, quase nula e tende-se a não manifestar interesse em dar ao trabalho de preocupar pelas questões que atingem negativamente aqueles que não conhecemos ou mesmo aqueles que conhecemos. É contraditório, pois, vivemos em uma sociedade global, onde as relações sociais, humanas, políticas, econômicas e culturais estão além das fronteiras e do mundo real. O processo de globalização começa a se formatar há séculos atrás, em um período histórico de dominação de territórios, expansão das navegações para outros continentes e sua consequente colonização.

Este processo foi se configurando e se aprimorando com o avanço da tecnologia. No tempo presente, nossas relações vão além dos territórios que moramos e além do plano físico, devido ao constante uso das redes sociais para relações sociovirtuais pessoais e coletivas. Diante do exposto, considerando as reflexões do pensador Zygmunt Bauman (1925-2017) sobre os atuais tempos líquidos, onde toda a conjuntura vem se diluindo a favor da soberania do capital, abordaremos os rebatimentos das relações globais no processo de liquidez do tempo presente, apontando o avanço do conservadorismo e a consequente barbarização e criminalização da vida, fenômenos estes que compõem a complexidade de uma totalidade gerida e derruída pelo capitalismo global.

MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL, MODERNIDADE E OS REBATIMENTOS NAS RELAÇÕES HUMANAS

A vida em sociedade se dilui, e esta dissolução atinge de várias formas cada sujeito inserido no atual contexto capitalista globalizado. Bauman (2007) retrata na sua obra “Tempos Líquidos” que a globalização exerce um papel negativo e destrutivo nas relações humanas. A abertura para a globalização expandiu não só as relações políticas e econômicas, mas também as relações humanas, sociais e culturais. Devido ao fato destas

relações não se estabelecerem de forma igualitária e justa, os conflitos através da violência perpassam estas relações objetivando ilustrar e concretizar as revoltas por não existir igualdade e justiça nas relações globais. Diante do exposto, compreendemos a globalização como perversa e injusta em sua natureza. “A perversa ‘abertura’ das sociedades imposta pela globalização negativa é por si só a causa principal da injustiça e, desse modo, indiretamente, do conflito e da violência.” (BAUMAN, 2007, p. 14).

Os sujeitos que são impedidos de satisfazer essas necessidades fabricadas pela indústria cultural, podem expressar o sofrimento que decorre desta insatisfação, em gestos de violência. Logo, a violência, em muitos casos, pode ser considerada expressão trágica de necessidades não atendidas (SCHERER, 2013, p. 29). Desta forma, a globalização vem destruindo tudo que não é conveniente para a manutenção da dominação burguesa e para a acumulação capitalista, como por exemplo, as relações humanas. Bauman (2007) vai nos dizer que o tempo presente é o tempo das relações frágeis. O medo perpassa por toda a dinâmica da sociedade que se reflete nos aspectos locais e globais, que configuram o mundo contemporâneo, afrouxando ou rompendo os laços humanitários entre pessoas e/ou comunidades, nivelando a individualização e a falácia de que a mesma reforça uma autoproteção e maior segurança de cada sujeito.

Diante desta perspectiva, a solução para superar ou amenizar os medos de se viver nas cidades violentas é o investimento no consumo – de bens materiais para aliviar os momentos de solidão e de segurança para proteção. Bauman (2007, p. 18) chama o mercado da segurança de “capital do medo”, considerando que o mercado acumula grande parte do seu capital através do medo e da insegurança das pessoas. Para se vender segurança é necessário investir no medo, propagar a insegurança a qualquer custo. Desta forma, o mercado, juntamente com a mídia e a política, ou seja, os atores aliados ao grande capital, investem na acentuação e na reconfiguração do cenário de violência e barbárie já instaladas na sociedade global. Não estamos querendo dizer que a violência é mera fantasia do capitalismo, ao contrário, é sabido que os índices de violência estão se elevando, porém, os aliados do capital manipulam as formas de determinar os “únicos culpados”, ou melhor, os vilões da sociedade contemporânea para venderem a segurança para indivíduos que vivem em função do medo em suas rotinas diárias.

Atribuir a uma classe ou grupo de pessoas a condição de vilões da sociedade contemporânea, além de ser uma expressão da barbárie, esquiva o sistema capitalista e suas interfaces das suas (ir)responsabilidades devastadoras, culpabiliza esta mesma classe ou grupo como se estes fossem desajustados e/ou rebeldes, que contrariam o mesmo. Bauman (2004) afirma que esta ideia de desajuste ou rebeldia configura a desqualificação da humanidade, ou seja, é a perda da subjetividade humana e a sua transformação em objetos – pessoas como problemas de segurança que devem ser descartadas imediatamente. Para o sociólogo, a atual ordem societária que ele mesmo chama de desordem, seleciona aqueles que não possuem importância para o capitalismo e os descartam pelas vias da segregação ou do extermínio.

[...] todo modelo de ordem é seletivo, e exige que se cortem, aparem, segreguem, separe ou extirpem as partes da matéria-prima humana que sejam inadequadas para a nova ordem, incapazes ou desprezadas para o preenchimento de qualquer de seus nichos. Na outra ponta do processo de construção da ordem, essas partes emergem como “lixo”, distintas do produto pretendido, considerado útil. (BAUMAN, 2004, p. 148).

“Pilhas de lixo humano crescem ao longo das linhas defeituosas da desordem mundial, e se multiplicam os primeiros sinais de uma tendência à autocombustão, assim como os sintomas de uma explosão iminente.” (BAUMAN, 2004, p. 149). É inegável que a miséria e a segregação vêm crescendo em todo o planeta, e observamos ações desumanas de atenção à população segregada com vistas a higienizar um planeta que se encontra cheio – superlotado de pessoas. Os soberanos do capital, que nada mais são do que bonecos de ventríloquos do próprio sistema, sentem-se no poder absoluto de determinar a “[...] vida que não vale a pena ser vivida.” (BAUMAN, 2004, p. 158), financiando as guerras e outras ações de extermínio por todo o globo.

São muitos os fenômenos que poderíamos apontar neste capítulo, porém, nos atentaremos aos exemplos mais recentes que vem ganhando destaque na mídia nacional e internacional. Começamos pelo processo de imigração de refugiados pelos países europeus. São pessoas que deixaram às pressas os seus países por diversos motivos: miséria, conflitos entre facções, disputas de poder, ausência de Estado de proteção, assassinatos em massa, conflitos históricos, de séculos ou recentes, que obstruí qualquer capacidade de manutenção e sobrevivência com qualidade e segurança. O movimento imigratório

intensifica a chama da xenofobia, onde pessoas estranhas que se encontram à nossa porta (BAUMAN, 2017) são humilhadas, agredidas e ofendidas de todas as formas possíveis. Para famílias, adultos, crianças, adolescentes, jovens, mulheres, pessoas idosas refugiados, não existia dignidade em suas terras natais e não existe dignidade em terras de outros povos. Há pouca receptividade em face à este público que busca, em qualquer país, uma forma ínfima de segurança e paz para viver.

As alegações são variadas: que os imigrantes são subversivos, vão destruir a cultura local, vão nivelar a violência, tirarão as oportunidades de emprego daqueles nascidos e crescidos em âmbito local ou que não são, de fato, bem vindos naquele país. Observamos uma crescente no tocante ao conservadorismo. Ao invés das relações humanas se potencializarem com o passar do tempo, nota-se um avanço de um conservadorismo carregado de barbárie, ódio, intolerância e desejo de extermínio.

A recente eleição e ascensão de Donald Trump nos Estados Unidos (EUA) também contribui para o avanço da discussão e, ao mesmo tempo, traz à tona a preocupação dos rumos das relações globais a partir de ações reacionárias de chefes de Estado, sob o aval de seus eleitores e, ao mesmo tempo, causando a fúria daqueles que ainda lutam por uma sociedade mais digna, humana e justa. Trump, ainda em campanha e após assumir a posição de destaque nos EUA e no mundo, apresenta e reitera o seu discurso xenofóbico de separar o México dos EUA a partir da construção de um muro, cuja conta seria paga pelo Estado Mexicano. É o discurso da “América para os americanos” ganhando nova roupagem, cada vez mais perversa e desumana. Além dos discursos xenofóbicos contra os latino-americanos e povos do Oriente Médio, Trump, no seu primeiro dia como presidente, retira do portal da Casa Branca informações acerca da luta e dos direitos LGBTIs, deixando nítida sua posição acerca da liberdade e do direito de expressão de gênero e sexual.

Os discursos de chefes de Estados de outros países, como os de Donald Trump, intensificam em outros espaços, discussões que deveriam não mais existir: discursos de ódio contra minorias, xenofobia, preconceitos de classe, intolerâncias de diversas naturezas, colocando em status, pessoas públicas como políticos da extrema direita brasileira que vem ganhando notoriedade com discursos ultraconservadores. Em uma sociedade global, onde vivemos interconectados diariamente com várias pessoas, de várias partes do planeta, é comum, porém não natural, acessarmos e multiplicarmos informações

que acentuam a barbárie e a destruição da humanidade das pessoas. Ademais, além dos fenômenos já explícitos, o processo de acumulação do capital também contribuí severamente para a expansão da barbárie e das violações de direitos que ocorrem no mundo todo, com reflexos perversos no contexto brasileiro. Podemos destacar alguns, dentre outros: os conflitos religiosos entre grupos que não reconhecem como direito à livre expressão religiosa pelas pessoas e/ou coletivos; a interferência cada vez mais acentuada de dogmas cristãos nos assuntos do Estado, corroendo as bases do Estado laico, violando as liberdades individuais e coletivas; deterioração do meio ambiente, utilizando-o como fonte de recursos para a produção de riqueza, exploração do trabalho infantil, que ocorre de diversas formas em vários países, principalmente naqueles em desenvolvimento, tráfico de pessoas, uso de crianças-soldados em conflitos armados no Oriente Médio, abuso infantil, violência de gangs, acentuação do machismo, dentre outras expressões da barbárie, que podemos reconhecê-las como as velhas novas expressões da questão social.

Nesta sociedade líquida e frágil, estar na condição de refugiado, pertencer às minorias sociais ou estar em condição de pobreza ou miséria é estar na mira das criminalizações. Infere-se que o atual percurso das relações humanas influenciadas pelo “capital do medo” segue as rotas do ódio e da intolerância, envolvendo em movimentos (sem prévia reflexão crítica) pró-repressão, violência, encarceramento, expulsão, aniquilação e demais formas de desqualificação e descarte dos indesejáveis, dessocializados, perigosos ou daqueles considerados estranhos. O severo controle penal e exterminador dos pobres marginalizados são ainda dominantes, expressões do clamor punitivo que grassa na sociedade global por maior repressão mais prisões e penas mais rigorosas (SALES, 2007, p. 65). Para Bauman (2007), é possível não sentir-se culpado por se associar em mobilizações pró-barbárie, pois estas discorrem por todo o globo com o intuito de eliminar o perigo, mesmo que isto custe a extinção de uma parte da população, sendo esta a dos mais pobres.

É possível que se possa curar a consciência culpada cuja causa é o destino da parcela condenada da humanidade. Para obter esse efeito, basta permitir que o processo de biosegração prossiga, invocando e fixando identidades maculadas por guerras, violência, êxodos, doenças, miséria e desigualdade – um processo que já está em pleno curso. Os portadores do estigma serão mantidos definitivamente à distância em razão de sua humanidade inferior,

o que representa sua desumanização tanto física quanto moral. (LE HOUEROU apud BAUMAN, 2007, p. 47).

Não há dúvidas que o “capital do medo” criou as suas raízes na sociedade global e consegue manter o domínio sobre boa parte dos seres humanos que, subordinados ao ideário da insegurança, perdem o senso de humanidade, tornam-se objetos do consumo, mercadorias do sistema que são facilmente manipuláveis para viabilizar a acumulação capitalista e agem de modo a violentar a vida de pessoas que sofrem com as contradições do capital. Bauman (2013) retrata a ausência da ética no tocante a pensar as relações humanas e possíveis formas de resolver o problema da segurança, este que é a base sólida da liquidez do tempo e das sociabilidades. Não há, por parte da população insegura, condições ou intenções de pensar a reintegração daqueles que, supostamente, oferecem perigo para a sociedade. O medo acentuado apenas permite que sejam consideradas as maneiras de eliminação dos sujeitos perigosos, sejam eles quem for – crianças, adolescentes, jovens, adultos ou velhos. É o descarte acima de qualquer característica ou questão.

O que coloca a segurança e ética em oposição do ponto de vista de princípios (uma oposição difícil de superar e conciliar) é o contraste entre segmentação e comunhão: o impulso de separar e excluir o que é endêmico à primeira versus a tendência inclusiva, unificadora, constitutiva da segunda. A segurança gera um interesse em apontar riscos e selecioná-los para fins de eliminação, e por isso ela escolhe fontes potenciais de perigo como alvos de uma ação de extermínio “preventiva”, empreendida de maneira unilateral. Os alvos dessa ação são, segundo o mesmo padrão, excluídos do universo das obrigações morais. (BAUMAN, 2013, p. 77).

A repressão e os pedidos de violência como vêm acontecendo no Brasil e no mundo, consistem na ampliação da intolerância e do ódio por aqueles que não seguem os padrões morais estabelecidos. É evidente que alguns princípios morais, hoje, ainda postos, não condizem mais com a atual realidade. Entretanto, vivemos em um Brasil conservador que sente no cotidiano os fervores de movimentos progressistas a favor da liberdade plena dos sujeitos e de ações humanitárias com justiça social de fato. Segundo Barroco (2014, p. 470), para garantir a legitimidade da propriedade privada e a identidade do individualismo possessivo, são reproduzidas determinadas máximas que funcionam como normas de

convivência, visando à regulação do comportamento dos indivíduos em sua convivência social.

Dentre elas, destaca-se a máxima que afirma que “a sua liberdade termina quando começa a do outro”. Ocultando a realidade ao invocar a proteção da liberdade de todos, ou seja, do “bem comum”, difunde a falsa ideia de que a delimitação do espaço de liberdade de cada um equivale a uma atitude de respeito mútuo. (BARROCO, 2014, p. 470).

Obviamente, a classe dominante não seria conivente com movimentos como estes e jamais aceitaria defesas frente aos atores da classe trabalhadora que, por suas razões, desrespeitam regras e normas. Esta defesa não é para justificar qualquer ação ilegal, mas para clamar por proteção e estratégias de reeducação e reintegração social.

Na intolerância, também ocorre uma relação social em que um dos sujeitos (ou um grupo, uma classe social etc.) é diferente ou faz algo diferente, e isso nos atinge. Porém nossa reação é oposta à da tolerância; aqui, diante das diferenças, assumimos atitudes destrutivas, fanáticas, racistas, reacionárias. A diferença é negada; mais do que isso, buscamos destruí-la, excluir a identidade do outro por meio da afirmação da nossa, tomada como a única válida. (BARROCO, 2014, p. 472).

Enquanto na tolerância a diferença é reconhecida e respeitada, embora não seja compartilhada, na intolerância, a identidade do outro é rechaçada, justamente por ser diferente.

Enquanto a tolerância exige um horizonte de liberdade, uma reciprocidade objetivadora de relações de comum liberdade e igualdade, a intolerância objetiva uma relação assimétrica em que somente um é livre e quer impor a sua identidade ao outro. (BARROCO, 2014, p. 472).

Ainda sobre a identidade, que possui vários vieses, e estes formatam conflitos visando impor aquela ideia concebida como verdadeira, única e correta, Bauman (2005, p. 82-83) afirma que:

[...] é uma ideia inescapavelmente ambígua, uma faca de dois gumes. Pode ser um grito de guerra de indivíduos ou das comunidades que desejam ser por estes imaginadas. Num momento o gume da identidade é utilizado contra as “pressões coletivas” por indivíduos que se ressentem da conformidade e se apegam a suas próprias crenças (que “o grupo” execraria como preconceitos) e a seus próprios modos de vida (que “o grupo” condenaria como exemplos de “desvio” ou “estupidez”, mas, em todo caso de anormalidade, necessitando ser curados ou punidos). Em outro momento é o grupo que volta o gume contra um grupo maior, acusando-o de querer devorá-lo ou destruí-lo, de ter a intenção viciosa e ignóbil de

apagar a diferença de um grupo menor, forçá-lo ou induzi-lo a se render ao seu próprio “ego coletivo”, perder prestígio, dissolver-se... Em ambos os casos, porém, a “identidade” parece um grito de guerra usado numa luta *defensiva*: um indivíduo contra o ataque de um grupo, um grupo menor e mais fraco (e por isso ameaçado) contra uma totalidade maior e dotado de mais recursos (e por isso ameaçadora).

Os tempos líquidos dissolvem os sentimentos e o amor entre os semelhantes tão propagados ao longo da história. Está difícil exercitar a capacidade de tolerância e pensar com mais humanidade. As pessoas estão mais individualizadas, com sede de vingança, sem qualquer remorso quando a repressão e a violência do atual Estado militarizado e repressivo age por meio de suas armas de fogo. A liberdade de fato não existe, porque está limitada à ordem capitalista e possui critérios para exercê-la. A atual concepção de liberdade, segundo Barroco (2014), conota a falácia do respeito ao próximo, sendo esta, na verdade, maquiada pela moral conservadora. A autora afirma que a noção de liberdade, a defendida pelos movimentos progressistas, não se separa da sociabilidade. Se há restrições no tocante a liberdade de alguma pessoa ou grupo, então a totalidade do ser social não é livre.

“Pressupõe-se que indivíduos sejam livres em relação uns com os outros; não podemos ser livres enquanto os outros não o são. Isso supõe o enfrentamento dos conflitos, das contradições, a aceitação consciente dos demais como seres iguais e diferentes.” (BARROCO, 2014, p. 479). Daí o desafio na luta e resistência a favor da emancipação humana. No interior dos processos de luta travados em nosso cotidiano, há um desafio que se tornou questão de ordem: os vínculos afetivos e o seu fortalecimento em meio aos grupos sociais os quais nos socializamos. No mundo líquido, o amor, os sentimentos que estabelecemos pelas pessoas estão se perdendo a ponto do risco de se dissolver. Bauman (2004) retrata o amor líquido como resultante da individualização dos sujeitos mediante a insegurança de se conviver com vínculos estreitos com os outros.

Para o sociólogo, enquanto aspectos subjetivos na nossa existência, há o desejo de amar e ser correspondido, porém, diante do atual cenário de barbárie, as pessoas optam por limitar as suas relações de modo que facilite a ruptura e o descarte caso estas deixem de ser coniventes com os nossos interesses. “Um desejo que todos nós compartilhamos e sentimos de maneira especialmente forte e apaixonada é o desejo de amar e ser amado.” (BAUMAN, 2015, p. 201). Entretanto, referenciando Bauman (2015), entregar-se para este

amor pelas outras pessoas se mostra cada vez mais difícil, pois estreitar relações com as pessoas leva tempo, não há como agilizá-lo, gera-se medo e insegurança, desta forma, as pessoas buscam formas mais rápidas, “seguras” e fáceis de se relacionar, sendo, neste caso, com os objetos através do consumo.

Como nosso mercado descobre e responde ao que o consumidor mais quer, nossa tecnologia tornou-se extremamente competente em criar produtos que correspondam à nossa fantasia ideal de relacionamento erótico, aquele no qual o objeto amado nada pede e tudo dá, de forma instantânea; faz com que nos sintamos poderosos; não dá terríveis ataques quando é substituído por um objeto ainda mais estimulante, enquanto ele é jogado numa gaveta (FRANZEN apud BAUMAN, 2015, p. 57). Para Bauman (2015), o amor pelos próximos, conforme reza a cartilha que historicamente aprende-se ao longo dos anos, demanda muito trabalho, dedicação, cuidado, paciência e tolerância. Contudo, conforme as reflexões já expostas neste item, a capacidade para o árduo compromisso de se envolver em relações sociais e buscar maneiras de mantê-las sempre fortalecidas está se perdendo.

Amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas, em que o medo se funde ao regozijo num amálgama irreversível. Abrir-se ao destino significa, em última instância, admitir a liberdade do ser: aquela liberdade que se incorpora no Outro, o companheiro no amor. “A satisfação no amor individual não pode ser atingida... sem a humildade, a coragem, a fé a disciplina verdadeiras”, afirma Erich Fromm – apenas para acrescentar adiante, com tristeza, que em “uma cultura na qual são raras essas qualidades, atingir a capacidade de amar será sempre, necessariamente, uma rara conquista.” (BAUMAN, 2004, p. 21).

Sem humildade e coragem não há amor. Essas duas qualidades são exigidas, em escalas enormes e contínuas, quando se ingressa numa terra inexplorada e não mapeada. É a esse território que o amor conduz ao se instalar entre dois ou mais seres humanos (BAUMAN, 2004, p. 22). Diante do medo de explorar os caminhos das relações por meio dos sentimentos, o amor também se tornou mercadoria, pois hoje é possível estabelecer um vínculo e rompê-lo sem dores, a qualquer momento. É a banalização da expressão humana e sentimental do amor. Hoje se ama a tudo, a todos e, de repente deixamos de exercê-lo facilmente.

Quando há movimentos de resistência em face às atuais formatações das relações humanas, embasadas por regras morais conservadoras, há um rebatimento por parte

destes que consideram suas morais como regras de vida através da truculência, da intolerância e do distanciamento. A liberdade dos sujeitos e o respeito e tolerância à diversidade humana não se efetivou de fato. Ela está posta em um processo de luta constante em uma arena minada pelos preconceitos, estereótipos, afrouxando as relações nesta sociedade líquida. No atual mundo líquido, segundo a crítica de Bauman (2004), não faz sentido alimentar sentimentos por alguém ao qual não se conhece. Como confiar em uma pessoa, estreitar vínculos e permitir a abertura para os sentimentos, para o amor, sendo que não se sabe se haverá reciprocidade ou ainda se haverá algum tipo de dano futuro nessa relação. O amor na sociedade líquida é conquistado via meritocracia – ama-se aqueles que são merecedores e este merecimento é mensurado através de vários critérios.

Se eu amo alguém, ela ou ele deve ter merecido de alguma forma [...] mas, se ele é um estranho para mim e se não pode me atrair por qualquer valor próprio ou significação que possa ter adquirido para a minha vida emocional, será difícil amá-lo. (BAUMAN, 2004, p. 97).

Esta provocação que o sociólogo nos coloca pode ser associada à segregação que a sociedade estabelece em face ao público apresentado neste capítulo. Não há razão em constituir relações com aqueles considerados perigos para a sociedade. É impossível ter qualquer empatia pelos estranhos que se encontram próximos à nós, pois se fazem mal para a sociedade, merecem o descarte, o encarceramento e até a mesmo a extinção.

O rebaixamento de homens, mulheres, crianças, adolescentes, jovens e velhos em refugiados, delinquentes, perigos para a sociedade, subversivos no atual contexto capitalista é condição suficiente para manter a distância frente aos mesmos. Diante dos riscos, melhor evitar se socializar com eles. “O compromisso com outra pessoa ou com outras pessoas, em particular o compromisso incondicional, [...] parece cada vez mais uma armadilha que se deve evitar a todo custo.” (BAUMAN, 2004, p. 111).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A (des) ordem capitalista do tempo presente, a acumulação sem precedentes e a qualquer custo, formataram vários mecanismos de segregação e extinção das pessoas, consolidando a ideia de tempo e amor líquidos, nas quais, um clique, puxar o gatilho ou propagar o isolamento pelos muros dos condomínios ou pelos territórios marginalizados se

tornaram meios de fragilizar as relações humanas, afrouxando ou rompendo os vínculos necessários para uma vida harmônica e plenamente livre na sociedade. Assim, é possível inferir que a liberdade e o amor entre humanos não serão possíveis enquanto o capitalismo com toda a sua lógica dominante, perversa, segregadora e selvagem, for a ordem societária vigente.

REFERÊNCIAS

BARROCO, Maria Lucia. Reflexões sobre liberdade e (in) tolerância. Serviço Social & Sociedade, São Paulo, n. 119, p. 468-481, jul./set. 2014.

BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. Identidade. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. Tempos líquidos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. Danos colaterais: desigualdades sociais numa era global. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. A riqueza de poucos beneficia a todos nós? Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

_____. Estranhos à nossa porta. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

SALES, Mione Apolinário. (In) visibilidade perversa: adolescentes infratores como metáfora da violência. São Paulo: Cortez, 2007.

SCHERER, Giovani Antonio. Serviço Social e arte: juventudes e direitos humanos em cena. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, Thiago Rodrigo da. “Pratas, ‘Lacoste’, Grana e Novinhas”: um estudo sobre a construção social da adolescência através do ato infracional. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2015.

_____. Pratas, grifes, grana e novinhas: adolescências, sociabilidades e ato infracional. Curitiba: CRV, 2016.